

## O MERLIM – A CRISTIANIZAÇÃO DA CULTURA PAGÃ ATRAVÉS DA LITERATURA

Márcia Maria de Medeiros<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca analisar as formas através das quais se pode observar o fenômeno de cristianização da cultura popular tendo por base a figura do conselheiro do rei Artur, o mago Merlim. Entende-se que a personagem do mago é uma das principais referências literárias que permite ao estudioso do romance de cavalaria se imiscuir dentro do imaginário da época, que mesclava elementos da cultura cristã e da cultura popular formando um híbrido que correspondia a identidade cultural dos homens do período.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura céltica, mitos medievais, maravilhoso medieval, folclore bretão.

**RESUMO:** Este trabajo analiza las maneras por las cuales se puede perceber el fenómeno de la cristianización de la cultura popular teniendo por embasamiento la figura del consejero del rei Artur, Merlim, el mago. Entiendese que el es una de las principales referencias en la literatura que permite observar el imaginario del período medieval, que tiene elementos de las dos culturas: cristiana y popular, haciendo así una construcción que corresponde a la identidad cultural de los hombres del periodo.

**PALABRAS-LLAVE:** Cultura céltica, mitos medievales, maravilloso medieval, folclore.

Dentre as várias tradições culturais que contribuíram para a formação da figura literária de Merlim, o fabuloso conselheiro do rei Artur, uma traz enorme preponderância e uma riqueza única para análise, sendo que é importante avaliar esse rescaldo cultural de organização peculiar. Uma das várias vertentes que alimenta o mito do mago, vem da tradição cultural do povo celta que em suas lendas chama Merlim de Taliesin.<sup>2</sup> A herança da literatura celta sobrevive na Irlanda e

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente ministra aulas de História Antiga e Medieval na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Sobre a questão da história celta ver: JUBAINVILLE H. D'arbois. **Os Druidas: os deuses celtas com formas de animais**. Editora Madras: São Paulo, 2003.

no País de Gales desde tempos imemoriais, sendo uma das heranças literárias mais velhas da Europa ocidental, logo atrás da grega e da latina. T. G. E. Powell, em sua obra **Os Celtas**, afirma que:

*A continuidade da tradição literária celta conservou-se por muitos séculos em Gales, pelo menos todo o tempo em que houve uma nobreza galesa para a evocar e manter, e até o fechar do século XVIII se manteve nos espíritos a recordação da poesia palaciana a tal ponto que os poetas da província celebravam o seu morgado local e patrono à maneira dos seus antecessores de há doze séculos atrás. (POWELL, 1974: 188)*

Muitos invasores de vários grupos étnicos vasculharam a Europa entre os séculos IV e VIII<sup>2</sup>, sendo que dessa maneira, o mundo celta foi conquistado e influenciado por consecutivas ondas de culturas indo-européias. Cultural e lingüisticamente falando, os celtas eram mais ligados às tradições nórdicas e germânicas do que às culturas do mundo mediterrâneo e ocidental. O que se sabe é que cada onda de invasores trouxe consigo suas próprias idéias, as quais foram mescladas com o ideário dos povos que já viviam nas regiões invadidas.

Essa troca de idéias produziu uma síntese que continuou a cada onda de invasão. Isso faz com que a cultura européia ocidental seja a colcha de retalhos que é. O advento de influências novas e exóticas, vindas na pegada das missões cristãs, causou uma reação tanto na literatura celta quanto nas demais, porém deu lugar a um surto artístico diferenciado que colocou a cultura literária irlandesa em uma posição ímpar dentro da história da civilização européia ocidental.

Para que se tenha uma idéia do significado desse processo o universo dos celtas é tripartido, sendo formado pela conjunção do Mundo Inferior, Mundo Superior e Este Mundo. Alguns deuses celtas apresentam a característica da tríade, como é o caso de Dagda, Oghma e Lugh.<sup>3</sup> Ademais, as tríades compõem a vida humana, sendo de fácil percepção: o tempo é tríplice sendo formado por ontem, hoje e amanhã, ou passado, presente e futuro. A tríade ainda encerra a perfeição do início, meio e fim.

Assim, observa-se que os celtas possuem uma cosmologia segunda a qual o universo apresenta-se de forma tríplice. Isto se coaduna com a simbologia que envolve o

<sup>2</sup> Sobre o assunto ver: ANDRESON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao feudalismo**. Brasiliense: São Paulo, 1994

<sup>3</sup> A união desses três deuses promoveu a vitória dos Tuatha Dé Danann na Segunda Batalha de Moytura.

número três, tradição essa que parece herdada do mundo indo-europeu, onde muitas outras culturas como a nórdica e a hindu também possuem um universo tripartido

Há que se salientar que em terras celtas, principalmente da Irlanda, o cristianismo tomou um caminho diferente do cristianismo pregado e praticado no resto da Europa. No mundo celta, essa prática religiosa teve um cunho muito mais espiritual e muito menos político do que o cristianismo do continente, promovendo a salvação de uma série de conceitos e valores que a Europa continental obliterou durante a Idade Média.

Através da literatura de origem celta, costumes da arcaica vida rural da Europa podem ser entrevistados e vislumbrados, bem como padrões culturais, religiosos, entre outros, que deixaram marca indelével nas raízes do mundo ocidental. A cultura celta é fator de enorme relevância na apreciação das origens européias e merece maior atenção do que tem recebido até então, pois através dessa literatura de forte cunho mitológico é possível traçar linhas que se estendem de um cristianizado Artur até as divindades pagãs que lhe deram origem.

Há de se salientar a dificuldade de se trabalhar com a construção desse arquétipo: inúmeros fatores contribuíram para o desaparecimento da cultura celta, a começar pela expansão romana. Á medida em que as legiões romanas avassalavam as terras habitadas pelos celtas, a cultura destes ia sofrendo danos irreparáveis. Primeiro, a imposição do latim como língua oficial, o que fez com que elementos lingüísticos e culturais celtas fossem absorvidos ou perdidos completamente em favor dos elementos trazidos pelos colonizadores.

Some-se a isso outros elementos dignos de menção, como por exemplo a profunda mudança na espiritualidade celta. Os deuses e deusas deixaram de ser cultuados nos bosques sagrados e passaram a ser reverenciados em templos. Mas mais importante que isso foi o fato de a cultura e a história celta serem absorvidas pelos romanos, deixando de ser transmitidas oralmente para passar a ser registradas pelos cartógrafos e historiadores de César.

Ademais o cristianismo de Roma acabou exercendo também a sua influência sobre as diversas culturas européias, absorvendo alguns elementos locais, suprimindo outros, moldando a sociedade conforme a sua idéia de espiritualização. Os celtas não ficaram de fora desse processo.

A data oficial do ingresso do cristianismo na Irlanda é o século V, com São Patrício<sup>4</sup>, mas não encontrou no país uma aceitação rápida por parte da população. Muitos resistiam em abandonar suas crenças pagãs em favor da religião cristã, especialmente os druidas. Ademais, por estar longe do controle da Sé romana, o cristianismo irlandês possuía uma fortíssima carga de paganismo: mulheres ordenadas episcopisas, padres casados, uma tonsura idêntica a dos druidas, entre outros elementos.

Na Irlanda sobreviveu uma língua e uma literatura que brotam diretamente dos mananciais celtas, sem grande influência da cultura romana. A tradição irlandesa foi conservada primeiro de forma oral, passando depois a ser escrita, mas revela uma continuidade desde tempos pré-históricos até a idade média. Essa é uma questão que merece ser mais bem avaliada devido às circunstâncias de como essa cultura sobreviveu. Sobre o assunto informa T. G. E. Powell, na obra **Os Celtas**, que:

Enquanto, nos primeiros reinos teutônicos da Europa pós-romana a Igreja nada mais encontrou do que o mais elementar dos maquinismos executivo e legislativo, na Irlanda depararam os missionários com um corpo altamente organizado de homens instruídos, dotado de especialistas tanto no direito consuetudinário como nas artes teológicas, literatura heróica e genealogia. Só o paganismo se viu suplantado, mas as escolas orais tradicionais continuaram florescentes, somente agora lado a lado com os mosteiros. (POWELL:1974, 61)

Esses homens eram sacerdotes que pertenciam a uma classe antiga e respeitada dentro da cultura celta. Os druidas, como eram chamados, eram os responsáveis pela manutenção e transmissão da cultura celta, dos conteúdos dos textos legais e das formas narrativas épicas e mitológicas, sendo que graças a esse aporte é que se tem conhecimento sobre a vida irlandesa tal como a mesma decorria quando a Irlanda abandonou a pré-história. Durante toda a idade média, essa herança literária foi berço que gerou aporte e inspiração para os romances de cavalaria, que foram buscar na tradição mitológica dos celtas vários

<sup>4</sup> A figura de Patrício é cheia de controvérsias e vários relatos comprovam o elemento do binômio pagão/cristão que envolve o padroeiro da Irlanda. Uma das lendas conta que para fugir de seus perseguidores, ele transformou-se em um gamo. Sabe-se que essa prática mimética era uma das características que se acreditavam, os druidas fossem capazes de realizar, e não se esperava que um padre cristão se utilizasse desse tipo de magia visceralmente contra os costumes pagãos e até acreditava neles, ou então esses mesmos costumes eram tão fortes que nem mesmo a chegada do cristianismo conseguiu apagá-los.

de seus personagens e um toque de sobrenaturalidade que contempla de forma inerente o maravilhoso dentro dos romances.

A que se salientar ainda que a história dos celtas e dos druidas está ligada de forma inerente a memória que esse povo construiu de seus mitos. As raízes desse manancial são tão profundas que em várias regiões os mitos que as criaram ainda são uma constante e as antigas tradições são cultuadas de forma direta ou indireta. Sobre o assunto H. D'Arbois de Jubainville, na obra **Os druidas: os deuses celtas com formas de animais**, diz que:

*Essas raízes são mais profundas nos já citados extremo Norte da Escócia e da Irlanda, onde os mitos e as lendas bardas ainda correm de boca em boca e a alma céltica é revivida a cada festa tradicional da região, com seus cantos, suas músicas, danças e seus costumes. E esses mitos são importantes na medida que levantam os véus das crenças célticas e lembram a atmosfera do 'sobrenatural' em que viviam, com o misterioso entrosamento entre os vivos e os mortos, tendo por cenário a abóbada das árvores e o escrínio celeste. (JUBAINVILLE: 2003, 10)*

Aliás, os feitos maravilhosos realizados por Artur e seu séqüito de cavaleiros também podem ter raiz na literatura oral dos celtas, a qual se ocupava dos feitos marciais e bravos de seus espadachins, os quais poderiam ser filhos ou eles mesmos deuses dotados de força e habilidades incomensuráveis para o combate. A épica criada por essa literatura de tradição oral revela todas as características do combate com carros, do desafio dos campeões, da esgrima a pé, dos compridos escudos decorados entre outras tradições. Sobre o assunto observe-se a seguinte citação, retirada do livro de Charles Squire, **Mitos e lendas celtas**:

*Cuchulainn bebeu, banhou-se e saiu da água. Mas descobriu que não podia caminhar; então gritou para que seus inimigos viessem busca-lo. Havia um pilar de pedra ali perto; prendeu-se a ele com seu cinto de modo a morrer de pé. Seu cavalo agonizante, o Cinzento de Macha, voltou para combater com ele e matou cinquenta homens com os dentes e trinta com cadê um de seus cascos. Mas a luz do herói tinha desaparecido do rosto de Cuchulainn, deixando-o pálido como a neve de uma só noite, e um corvo apareceu e empoleirou-se no seu ombro. (SQUIRE: 2003, 151)<sup>5</sup>*

<sup>5</sup> A forma de corvo é utilizada por Morrighan, deusa celta da guerra antes das batalhas. Normalmente é sob a forma de um corvo que ela se oferece aos olhos dos guerreiros.

A marca do corvo que aparece para prenunciar a morte do herói remete a uma outra faceta da cultura celta: o sobrenatural e a ligação que este povo tem com a magia e a religião. Outro aspecto importante está relacionado a noção que os celtas possuem sobre o tempo: ele é um elemento abstrato para eles, e

se esvai por meio de ciclos que tornam a se repetir. Diariamente o sol nasce e morre, anualmente a primavera sucede o inverno. Esses fenômenos são envolvidos na mágica que exala da natureza. Há que se salientar porém, que os celtas não estão mais obcecados pela magia do que qualquer povo do Velho Mundo.

O tempo celta é organizado num calendário religioso que divide o ano em 4 grandes festas, sendo que a primeira e maior delas é o *samain*, a festa que celebra o inverno, ou a estação em que a vida se retrai, marcando um momento em que o mundo dos vivos e dos mortos se toca. A cultura celta não teme seus mortos, pelo contrário, os homenageia e cultiva uma grande afeição por eles, a ponto de deixar um espaço vago a mesa nas noites do *samain* para que os ancestrais possam sentar junto aos vivos.

Esta festa acontecia em meados de novembro e marcava o fim de um ano e o começo do ano seguinte. Os mitos que estão relacionados ao *samain* ligam-se às tradições de renovação da fecundidade da terra e dos seus habitantes, dizendo respeito à união do deus tribal com a deusa da natureza que alimentava o território da tribo e que era personificada num rio ou noutro tipo de acidente natural.<sup>6</sup>

Eram pois a estas potências sobrenaturais a quem se devia suplicar no *samain*, mas a grande ocasião do ano era a noite que antecedia o ritual, pois se pensava que o mundo temporal estava dominado por forças mágicas. Hordas de seres fantásticos saíam das grutas e morros e certas pessoas podiam mesmo ser recebidas nesses reinos misteriosos enquanto monstros terríveis tentavam assaltar as fortalezas do tempo comum.

A segunda festa em importância da Irlanda era o *beltine* ou *cétshamain*, que marcava o início da estação quente. *Beltine* também se caracterizava por ser uma festa predominantemente pastoril, caracterizando o momento em que o gado voltava a pastar nos campos. Um dos costumes básicos dessa celebração, qual seja, acender fogueiras nos campos, continuou mesmo depois da cristianização da Irlanda.<sup>7</sup> A festa que marca o início do verão está ligada ao deus celta Belenus, senhor do fogo.

<sup>6</sup> Segundo o imaginário da Matéria da Bretanha, Morgana Lefay e Artur geraram seu filho Mordred nesse festival. Há que se salientar outro fato: as deusas célticas apresentam sempre dupla faceta, podendo ser caracterizadas tanto pela fertilidade quanto pela capacidade de destruição. Esse arquétipo também acompanha a figura da feiticeira Morgana.

<sup>7</sup> Era costume nessa celebração fazer o gado passar por entre duas fogueiras acesas, para assim ficar protegido das doenças. Esse rito era supervisionado pelos sacerdotes druidas. Na festa de São João, existem vários costumes semelhantes a essa bênção, sendo que o mais conhecido deles é o ato de pular a fogueira.

O verão traz ao mundo natural a pujança da vida. É o momento em que todas as criaturas estão ativas sob o calor do sol que fertiliza as sementes e faz com que os grãos amadureçam e as plantas vinguem. O momento da procriação, período de extrema fertilidade onde o sol reina absoluto. O filho de Morgana e de Artur foi gerado num festival de Beltaine, em plena festa de *beltine*.

Além dessas duas festas de marcada importância no calendário celta, outras duas festividades devem ser ressaltadas: *imbolc* e *lughnasad*. A primeira marca o período em que as ovelhas começam a lactar correspondendo, no calendário cristão, às celebrações que comemoram Santa Brígida.<sup>8</sup> O *lughnasad* era comemorado pelas calendas de agosto. Essa festa acontecia para garantir o amadurecimento da colheita, e mais uma vez se percebe o intercâmbio da cultura celta com o sobrenatural, pois o cerimonial é cumprido para se garantir a colheita e não para dar graças por ela. Na opinião de T. G. E. Powell, em obra supracitada isso acontece porque, “o conceito de gratidão não entrava no esquema da magia, pois a humanidade seguia o ritual que, se executado devidamente, por força culminaria no resultado pretendido” (POWELL, 1974: 123).

<sup>8</sup> Brígida é uma divindade pagã que o cristianismo cooptou. Ela corresponde à deusa celta Brigid, senhora da lareira e do fogo da casa, a qual se apresenta sempre sob a forma de uma trindade. Segundo as tradições celtas, Brigid era uma feiticeira filha do deus Dagda, sendo senhora da fertilidade e das artes de ensinar e curar, daí sua face tripartite. Examinar atentamente a hagiologia irlandesa faria ver que muitos santos cristãos eram anteriormente deuses pagãos.

<sup>9</sup> Cabe aqui uma analogia com o Graal. Esse cálice mágico tem origem controversa sendo para uns o cálice em que Cristo teria bebido com seus discípulos na Última Ceia; para outros o cálice em que José de Arimatéia teria recolhido o sangue do Salvador no momento em que ele foi atingido pela lança do soldado romano. Para outros ainda, esse cálice seria na verdade uma cornucópia, a qual proveria com fartura o seu possuidor. Em todas as versões, porém, paira a mesma mensagem, qual seja, a idéia da eternidade, da salvação e da fartura.

As narrativas literárias que envolvem essas festividades são marcadas por vários elementos que remetem a religiosidade do povo celta. Por exemplo, nas narrativas envolvendo o *samain* Dagda, alcunhado de o bom deus, sempre aparece representado como uma figura grotesca, de apetite e poder desmedidos, coberto com as vestes curtas de um servo e tendo por arma uma enorme clava, arrastada sobre rodas, tamanho é seu peso. Além disso o deus possui um caldeirão mágico, dotado de propriedades de inesgotabilidade, rejuvenescimento e inspiração.<sup>9</sup> Esse caldeirão mágico é símbolo de abundância na tradição irlandesa, e dele, ninguém se retirava insatisfeito.

O sagrado tem uma importância capital na cultura celta, daí a importância que os sacerdotes (druidas) possuem nas suas narrativas tanto como personagens quanto como narradores. A palavra druida foi latinizada por Cícero como *druidae* e acredita-se que a tradução mais correta para a palavra tenha analogia à sabedoria, ou sabedoria profunda. A palavra filósofo pode ser considerada uma tradução grega do celta *dru-uids*, significando “amigo da ciência e da sabedoria”.

Druida pode também significar sabedoria do carvalho, árvore que na cultura celta representa a divindade, sendo portanto apropriada para homens que eram os intermediários entre o homem e o meio sobrenatural.<sup>10</sup> A essência do conhecimento druídico do sobrenatural apresenta uma graduação na escala dos saberes que pode ser assim interpretada: vates, os profetas ou poetas inspirados. Este vocábulo passou a designar, já no tempo cristão, o vidente. Além dessa categoria, considerada a mais baixa, havia ainda os bardos (músicos) e os druidas propriamente ditos. Sobre o assunto diz H. D'Arbois Jubainville, em obra supracitada que:

*Os gauleses tiveram duas categorias principais de sacerdotes: os druidas, druidas = dru-uides, 'muito sábios', dos quais todo mundo já ouviu falar, e os Gutuatri, que são bem menos conhecidos. Não diremos nada ainda sobre os Uatis, ou seja, os adivinhos profissionais que, na Irlanda, São Patrício não considerou sacerdotes e que subsistiram oficialmente nessa ilha durante a Idade Média, em meio à população cristianizada, diante de e com a proteção do clero cristão. (JUBAINVILLE: 2003, 19)*

Os druidas são figuras proeminentes na sociedade celta atuando como árbitros e mágicos e o respeito por eles era tão vasto que nem mesmo o rei podia se pronunciar antes que o sacerdote o fizesse. Além do que, essas figuras misteriosas se tornaram os transmissores da cultura oral na Irlanda graças as suas técnicas de ensino. Entre as suas funções estavam: o culto aos deuses, o estudo e o ensino da mitologia e de todas as ciências. Dominando esse vasto campo do saber, pretendiam usar

<sup>10</sup> Segundo as informações que se referem aos sacerdotes druidas e seus hábitos, os *nemeton* (bosques sagrados) são os lugares por excelência onde eles realizavam seus ritos e sacrifícios. Cabe ressaltar ainda que os celtas não possuíam templos, preferindo cultuar seus deuses nesses bosques sagrados.

<sup>11</sup> Essa característica de conhecer o passado e de adivinhar o futuro é uma das marcas exponenciais do grande conselheiro de Artur, Merlim. Entretanto, ao contrário do sacerdote druída, o mago recebeu esse poder de Deus, que condoído com a situação de sua mãe, uma boa e religiosa jovem que sucumbiu às tentações do demônio, deu á Merlim, o poder de previsão dos fatos futuros.

seu conhecimento do passado para prever o futuro.<sup>11</sup> Sobre o assunto informa T. G. E. Powell, na obra **Os celtas**, que:

*O mecanismo de ensino oral resume-se, em larga medida, na recitação repetida de simples versos rítmicos ou formas de prosa aliterante. O fato é que o ritmo pode induzir um estado semiextático e, com anos e anos de repetição, pode absorver-se um enorme volume de textos. Pode acrescentar-se a isto a natureza sagrada de todo o ensino no mundo antigo, o conceito fortemente espalhado do mérito da recitação muito exata e os castigos mágicos que não faltariam aos que se afastassem da verdadeira tradição. (POWELL, 1974: 162)*

Depois da literatura sagrada, dos mitos, encantamentos e encantos em geral, que teriam constituído o acompanhamento falado da prática druídica, o conhecimento mais cuidadosamente preservado pelos sacerdotes era o do direito consuetudinário, daí os sacerdotes serem chamados a arbitrar sobre as mais diversas questões.

A importância desses sacerdotes era tão cabal como se percebe nas palavras de Charles Squire, em sua obra **Mitos e Lendas Celtas**:

*Eles eram ao mesmo tempo sacerdotes, médicos, mágicos, adivinhos, teólogos e historiadores de suas tribos. Todo poder espiritual e todo conhecimento humano estavam investidos neles, que na hierarquia só ficavam abaixo do rei e dos chefes. Eles estavam liberados de toda e qualquer contribuição para o Estado, quer por tributo quer por serviço na guerra, de modo a poderem dedicar-se a seus ofícios divinos. Suas decisões eram absolutamente definitivas, e aqueles que a eles desobedeciam se expunham a uma terrível excomunhão ou 'boicote'. (SQUIRE, 2003: 39)*

Sabe-se que o druidismo é uma das organizações religiosas mais antiga da Bretanha. Não se sabe ao certo onde os druidas tiveram sua origem, entretanto, acredita-se que essas figuras tenham se originado das tribos mais antigas da Europa. Esses sacerdotes encaravam a si mesmos como mestres de todas as artes e de todos os ofícios, o que explica o motivo pelo qual seus ensinamentos demoravam tantos anos para serem aprendidos.

Como entender as forças com as quais esses fantásticos magos lidam? Elas não são muito diferentes das forças míticas que fundamentam qualquer religião, seja ela pagã ou não pagã: de um lado estão alinhados os deuses do bem, da luz, do dia, da vida, da fertilidade, da sabedoria; do outro os demônios da

noite, da escuridão, senhores da morte, da aridez, do caos, do mal. Os primeiros eram os grandes espíritos que simbolizavam os aspectos benéficos da natureza, as artes e a inteligência do homem; os segundos representam os poderes hostis que se acredita estão por trás, de manifestações perniciosas como a doença, a neblina, a peste, a seca.

Pode-se dizer que o druidismo está relacionado ao universo que movimentava as sociedades oriundas da caça e da coleta. Daí a ligação que ele apresenta com a terra, incluindo a compreensão de seus ciclos. Dessa forma, os druidas desenvolveram uma filosofia entremeada de elementos da natureza, que celebrava os ciclos da terra, do sol e da lua, e que pode ser refletida no calendário de festas organizado pelo povo celta. Dentro desse contexto, se pode dizer que a religiosidade celta é dotada de um profundo animismo, pois tudo na natureza aparece aos olhos dos druidas como algo vivo e como tal deve ser respeitado. Destarte, o divino está representado por toda parte.

Essa ligação transcendente com a natureza e o universo mostra um povo que se via como parte do conjunto natural, e que considerava esse conjunto como uma coisa sagrada a ser respeitada porque era divina. Esse fenômeno é uma decorrência natural da espiritualidade dos celtas e acabava por impor as regras de comportamento que a coletividade deveria seguir por conta desse arquétipo. O respeito e a devoção à natureza perpassam as páginas dos romances de cavalaria. Em inúmeros momentos em que se encontrava fora das intrigas da corte, Merlim estava assim, retirado em contato com a natureza.

O poder do verdadeiro mago dentro da cultura celta estava na capacidade de ver o invisível que controla essas forças em constante combate, daí a capacidade que esses senhores da magia possuíam de entrar em transe, arrebatarse para outras dimensões ou de metamorfosear-se em animais fantásticos. Ademais, um dos princípios básicos da magia está em fazer com que o outro seja capaz de imaginar, de criar imagens a partir de um elemento proposto. Como Merlim faz quando se saboreiam as páginas que contam a história do fabuloso mago conselheiro de Artur.

Segundo Charles Squire, em obra supracitada, Merlim teria tanta importância no ciclo arturiano quanto Zeus no Olimpo. Todos os mitos a seu respeito permitem testemunhar sua elevada posição. Talvez ele tenha sido um deus especialmente venerado em Stonehenge, representando assim o deus supremo da luz e do céu. Aliás, segundo a lenda ele mesmo erigiu o monumento:

*Então, Merlim fez virem as pedras da Irlanda, por mágica, para o cemitério de Salaber e, quando chegaram, Uterpendragão foi vê-las e levou muita gente para ver a maravilha das pedras.e todos declararam que nunca haviam visto pedras tão gigantes e se perguntavam quem no mundo poderia mover uma só delas e como teria sido possível trazê-las. E Merlim disse aos homens que as pusessem em pé, porque ficariam mais bonitas do que deitadas.*

<sup>12</sup> Assim a literatura resolveu o mistério de Stonehenge. As pedras seriam um monumento erigido por Merlim para homenagear Pendragão, morto na batalha de Salaber, a qual se falará adiante nesse mesmo capítulo, entretanto cabe salientar que historicamente falando, esse círculo de pedras que está intimamente relacionado aos druidas e onde, possivelmente eles realizavam seus rituais de vésperas de verão, ainda tem sua origem envolta em mistério.

*- Ninguém, senão Deus ou vós apenas, poderia fazer isso. (...)*

*Foi assim que Merlim levantou as pedras que ainda estão no cemitério de Salaber e lá estarão, enquanto a cristandade durar, de tal modo dura aquela obra. (BORON: 2003, 120/121) <sup>12</sup>*

Já na opinião de Pierre Brunel, na obra **Dicionário de Mitos Literários**, a carreira literária da personagem foi por muito tempo dependente da literatura arturiana. Mas pelas ressonâncias que desperta, Merlim exerceu uma atração e adquiriu popularidade o que lhe permitiu ganhar vida fora do quadro medieval e atingir a condição de um mito literário dotado de autonomia e relevo a ponto de tornar-se uma figura que encarna mitos da modernidade como o enigma do que realmente significa a História e o devir. (BRUNEL, 2000)

Merlim pode ser considerado um profeta que anunciou a revanche dos bretões contra seus invasores anglos, ou o criador da Távola Redonda, ou ainda o inspirador da cavalaria andante. Ademais ele representa um elo de ligação entre bem e mal (fruto da ligação de um demônio com uma virgem) e entre a vida e a morte (em nenhuma das lendas que envolvem a figura ocorre a sua morte). Senhor das metamorfoses, e ambigüidade de sua imagem literária permeia mesmo aí o critério da duplicidade. Segundo Brunel, em obra supracitada:

*O personagem, do qual desejava Robert de Boron fazer o profeta da cavalaria cristã, não é, portanto, isento de uma ambivalência em razão talvez de suas origens compósitas, e está conforme ao mito de sua concepção meio diabólica, meio virginal. Pode-se também ver no seu dom de metamorfosear-se, quando e como queira, um reflexo do caráter instável e contraditório dos traços que o compõem. (BRUNEL, 2000: 638)*

A arte mimética que marca as ações do mago reflete como um espelho a lembrança de poderes concedidos nos tempos de outrora aos druidas, e é esse poder que permite ao feiticeiro das

lendas arturianas aparecer como um jovem ou como um velho, em geral como a figura de um homem dos bosques, ou até mesmo na condição de um animal.

Quem é o Merlim? Segundo o romance, supostamente pertencente a Robert de Boron, Merlim seria o filho de uma donzela e de um incubo<sup>13</sup>. Deus, na sua magnanimidade e vendo que o arrependimento da jovem seduzida era sincero, teria dado ao bebê a graça de conhecer em parte o futuro. No transcorrer das páginas algumas questões despontam de uma narrativa cheia de nuances, a saber: o riso maroto de Merlin permeia todo o texto, prenunciando sempre o controle do uso da magia pela personagem.

Ademais, o mago controla o próprio romance, pois é ele quem dá a Brás, confessor de sua mãe, a missão de colocar por escrito a matéria que lhe passar e profetiza que nunca uma história será ouvida com tanto agrado como a que ele narra, qual seja, a de Artur e dos homens de seu tempo. Por isso pode-se dizer que quem comanda o circo das aventuras arturianas é justamente o mago que lhe serve de conselheiro.

Essa exótica personagem, de origem misteriosa principia num concílio de demônios, tem seu palco de atuação na Inglaterra, em um tempo em que o cristianismo apenas dava lá seus primeiros passos e a ilha ainda não havia tido nenhum rei cristão. Segundo Heitor Megale, prefaciando a obra **Merlim**, informações sobre o mago nem sempre são coincidentes: existem poemas galeses que falam sobre Mirdim, sua forma literária de folclore mais antiga. Ela apresenta a figura do mago como um herói, um chefe guerreiro ou um bardo, cujo nome era Mirdim. Esse ser obscuro acabou tocado pela loucura ao cabo de uma batalha e refugiou-se nas florestas da Caledônia, onde passou a viver como um selvagem, profetizando sobre a vida política de seu povo.

Outra vertente, pautada em versos da antiga literatura galesa traz o mago embarcando numa nave de cristal com seus nove bardos, sendo que depois desse embarque nunca mais se soube de seu paradeiro. Algumas lendas dizem que Merlim estaria num palácio de cristal, perdido em alguma ilha da Inglaterra, cercado pelos treze tesouros da Bretanha. O conselheiro de Artur aí estaria fadado a permanecer, como em um sonho encantado até o dia em que Artur voltasse de Avalon, lugar par onde ele teria se retirado com

<sup>13</sup> Teoricamente o incubo é um demônio que habita entre a lua e a terra, tendo dupla natureza, Angélica e humana. Quando lhes agrada eles tomam a figura humana com a intenção de seduzir mulheres. No caso da mãe de Merlim, Deus permitiu que esse demônio se aproximasse. Uma mistura do sagrado com o profano, uma vez que aí configura-se a virgem seduzida pelo demônio.

Morgana depois da sua última batalha contra seu filho incestuoso, Mordred. Mas a história mais repetida é aquela que dá conta de que o mago está sob o poder e os encantamentos de Viviane, em um palácio encantado na floresta de Broceliande.

Para muitos, o mago é uma personagem de contos de fada, encarnando a figura arquetípica do feiticeiro com suas vestes e longas barbas, usando um cajado mágico. Para outros, Merlim representa muito mais, com seus dons proféticos e sua capacidade de metamorfose. O fato é que essa figura literária merece ser explorada e conhecida de forma mais profunda, pois existe um rico simbolismo por trás de seus dons, bem como uma associação com o Homem Selvagem, senhor dos animais.

### REFERÊNCIAS:

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORON, Robert de. **Merlim**. 2 ed, São Paulo: Imago, 2003.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. São Paulo: José Olympio Editora, 1997.

DUBY, Georges. **Senhores e Camponeses**. 2 ed, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FRANCO JR, Hilário. **A idade média: o nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

JUBAINVILLE H. D´arbois. **Os Druidas: os deuses celtas com formas de animais**. São Paulo: Editora Madras, 2003.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginario Medieval**. Lisboa: Estampa, 1994.

POWELL, T.E. G. **Os Celtas**. São Paulo: Brasiliense, 1974.

SQUIRE, Charles. **Mitos e Lendas Celtas**. São Paulo: Record, 2003.